

## **INVISIBILIDADE E HIPERVISIBILIDADE DOS CORPOS DAS MULHERES NA DANÇA: Reflexões de uma Bailarina Gorda**

Renata Teixeira Ferreira da Silva  
*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul. Bailarina e atriz.  
PPGAC/UFRGS  
professorarenatatfs@gmail.com*

Patricia Fagundes  
*Professora Associada no Departamento de Arte Dramática e no Programa de Pós-  
Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Encenadora.  
patriciafagundes3009@gmail.com*  
*Simpósio Temático nº 30 – Pesquisa Gorda*

### **RESUMO**

Este texto narra a trajetória de uma bailarina gorda nos espaços não convencionais de educação em dança, transitando entre as violências sofridas e as possibilidades de transformação vislumbradas. As reflexões acerca da padronização dos corpos na dança serão evidenciadas a partir dos atravessamentos que esse corpo perpassou nesses ambientes e como essas experiências reverberaram em sua autoimagem e percepção de corpo no mundo. Para tanto, serão exploradas as noções de gordofobia, padrões de beleza e consumo, a partir da socióloga Malu Jimenez e investigados os conceitos de invisibilidade e hipervisibilidade do corpo-imagem, da pesquisadora Marluza da Rosa. Para essa interlocução, serão movimentadas nessa escrita: fotografias, textos que mobilizam e articulam saberes do corpo e que como resultado, despertam memórias narradas e deslocam de sensações da carne, para o papel, um *escreverdançando* a partir proposta da pesquisadora em dança Ciane Fernandes.

**Palavras-chave:** Artes cênicas; Dança; Gordofobia; Hipervisibilidade; Invisibilidade.

### **ABSTRAT**

This text tells the path of a fat dancer in the non-conventional spaces for dance education, transiting between the violence suffered and all envisioned possibilities of transformation. The reflections around the standardization of the bodies in the dance world will be highlighted from the crossings that this body went through in these environments and how these experiences reverberated in its self-image and perception of body in the world. Therefore, the notions of fatphobia, the patterns of beauty and the consumption will be explored based on sociologist Malu Jimenez, and the concepts of invisibility and hypervisibility of the body-image by researcher Marluza da Rosa, will be investigated.

For this dialogue, this writing will promote: photographs, texts that mobilize and articulate the knowledge of body and that, as a result, awaken narrated memories and shift from sensations of the flesh to paper, a writingdancing based on a proposal by the dance researcher Ciane Fernandes.

Keywords: Performing arts; Dance; Fatphobia; Hypervisibility; Invisibility.

## INTRODUÇÃO

Esse texto é um recorte da pesquisa de tese de doutorado *Gordança: uma celebração das mulheres gordas que dançam*, desenvolvida por Renata Teixeira e orientada por Patrícia Fagundes, no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC-UFRGS).

É uma pesquisa Guia pela Prática (FERNANDES, 2013), portanto uma metodologia orientada pela experiência, algo que consideramos próprio das Artes e das pesquisas em Artes Cênicas. Deste modo, a construção do texto, mesmo que compartilhado, se dará também em primeira pessoa. Assim, as narrativas em primeira pessoa darão conta dos relatos autobiográficos da pesquisadora Renata, já a escrita em terceira pessoa, das reflexões mais amplas.

Através da experiência de mais de trinta anos no espaço não formal de ensino de dança na cidade de Porto Alegre, é possível apontar que esse âmbito é predominantemente branco, classe média, cisgênero, jovem, capacitista e magro. E em mais de dez anos de docência nesses espaços, a experiência de partilhar a dança com apenas dois alunos meninos e apenas com um colega professor de danças urbanas, determina que esses espaços são ocupados, majoritariamente, por meninas e mulheres cisgênero. Então, falaremos deste lugar, de escola de dança, do trabalho com meninas e mulheres bailarinas e dos atravessamentos que constituem esse âmbito.

Quais são as imagens amplamente difundidas de bailarinas? Quais são os padrões corporais impostos e esperados pelas mulheres que dançam? Quais características corporais as bailarinas devem se aproximar e quais devem se afastar? Quais as diferenças entre gordofobia e pressão estética e como elas podem impactar nas experiências e relações corporais das bailarinas?

As perguntas supracitadas encaminham um percurso de reflexões que serão contextualizadas em memórias narradas, através de fotografias e textos. Para a discussão, investiremos nas definições de gordofobia, padrões de beleza e consumo, a partir da socióloga Malu Jimenez, considerando quais corpos e formas corporais podem e conseguem acessar os espaços de movimento e dança.

Investigaremos os conceitos de invisibilidade e hipervisibilidade do corpo-imagem, da pesquisadora Marluza da Rosa, estabelecendo possíveis relações entre as imagens homogeneizantes de migrantes e as categorizações limitantes da forma corporal (gorda) e da patologização dos corpos gordos (obesa).

## **REMEXENDO MEMÓRIAS, ENGORDANDO REFLEXÕES**

Sou uma mulher cisgênero, que está em um relacionamento hétero, branca, gorda menor, com 33 anos, classe média, que iniciou os estudos do balé clássico nos anos noventa, aos dois anos de idade, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Finalizo a formação na técnica clássica em 2008 e transito em diversas linguagens corporais, como dança de rua, dança contemporânea e teatro. Mas essa história, que escolho narrar aqui, é localizada em escola de dança e marcada pela noção de corpo e imagem corporal. A imagem do meu corpo e das outras, o meu corpo errado, limitado, aquém das expectativas, que não cabia no espaço destinado a ele, um corpo que deveria ser lapidado, enquadrado, diminuído e alongado.

Por isso, algumas conceituações sobre corpo são importantes para compreendermos quais as dimensões que esse termo abarca e tensiona. A ativista Malu Jimenez, em *Lute como uma gorda* (2020), vai destacar que o corpo comunica arbitrariedades e sentimentos e que pode ser exemplar ou repulsivo, além de ser rentável:

O corpo é socialmente entendido como meio de comunicação que indica, veicula e dissemina julgamentos sobre os indivíduos. Esse corpo pode representar sentimentos, conflitos, discursos, verdades e mentiras, pode ser estabelecido como um padrão a seguir e outro a nem pensar em conquistar. O corpo tem sido veículo central de publicidade e *marketing* de produtos, isto é, o corpo passa a ser fundamental na construção de imagens comerciais, ventral na construção da ideia do que se quer vender. (JIMENEZ, 2020, p. 127).

Nas escolas de dança, em que são ofertadas uma variedade de estilos e técnicas, como balé clássico, dança contemporânea, *jazz* e danças urbanas, por exemplo, é comum que ao final do ano tenha um espetáculo com uma temática inspirada em filmes de *mainstream*, como histórias dos Estúdios *Disney*, ou balés de repertório. Para tanto, são selecionadas as bailarinas para os papéis teatralizados, que estarão no palco durante a narrativa e a bailarina principal que terá o destaque com coreografias solos e figurino diferenciado, especial. Portanto, as alunas almejam durante todo o ano esse lugar, ou pelo menos as personagens secundárias, com certa visibilidade.

Ainda na infância, é possível perceber que este espaço está distante, inatingível para as bailarinas que têm seus corpos fora do padrão determinado. Não havia bailarinas gordas no palco, quando havia, eram alunas crianças, e conforme a faixa etária subia, elas iam sumindo, desaparecendo. A massiva divulgação de um corpo extremamente magro e leve, em detrimento da inexistência de corpos que dissidem dessa norma, como os corpos gordos, dificultam a possibilidade desses corpos dançarem, assim como, cria um ambiente de severo controle e julgamentos sobre as formas corporais das bailarinas. Onde estão as meninas gordas que cresceram? Elas param de dançar? Como a imagem corporal da bailarina magra impacta em crianças e jovens?

A imagem corporal é entendida como a forma pela qual o corpo se apresenta para a própria pessoa, ou seja, ela é vista de acordo com o que pensamos dela, levando em conta fatores ambientais, emocionais, sociais e outros formadores de opinião. Diferentes situações vão modificando a própria imagem corporal e a dos outros, em um processo dinâmico, resultante de memórias e também de percepções presentes. Assim, a imagem corporal vai sendo formada a partir das nossas vivências, ligadas às experiências de terceiros com seus próprios corpos. (HAAS, GARCIA, BERTOLLETTI, 2010, p.183).

E é nessa pesquisa sobre imagem corporal e bailarinas profissionais que, as pesquisadoras em dança Aline Hass, Anelise Garcia e Juliana Bertoletti, apontam que a busca por uma imagem de corpo ideal é maior em bailarinas do que na população em geral, assim como são um grupo de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, pois o balé preconiza o baixo peso corporal. Nessa vivência com a dança, rapidamente percebi uma dicotomia entre magreza e gordura e principalmente que todos os corpos que não eram extremamente magros, eram gordos, e desta forma, era difundido e naturalizado que ser gorda era tudo que uma bailarina não podia ser. O que determinou

que na adolescência eu já estivesse emagrecida através de diferentes violências, como remédios, exercícios extenuantes, dietas restritivas, em uma tentativa de me equilibrar entre a escassez de comida e o excesso de movimento, me mantendo produtiva. Nessa história, a bailarina gorda continuou dançando, mas emagreceu, devido à pressão estética e a gordofobia sofrida durante a infância.



Figura 1 - Renata, 7 anos, Personagem Bala de Goma, 1995. Fonte: Acervo pessoal.

Para Jimenez (2020) a gordofobia é o preconceito contra pessoas gordas, “discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas” (Jimenez, 2020, p.17). Esses acessos negados podem ser cotidianos, como o tamanho limitado de roupas ofertadas, cadeiras e assentos pequenos e frágeis ou até mesmo mais complexos e perigosos, como o atendimento violento nos sistemas de saúde, sem os equipamentos necessários para corpos maiores. E esse preconceito marginaliza, exclui e estigmatiza, e se configura em um plano capitalista orquestrado para controlar nossos corpos, como discutido pelos pesquisadores na área de comunicação Agnes Arruda e Jorge Miklos: “[...] a gordofobia é, em si, um fenômeno tanto social quanto midiático, que atende ao projeto de vida de um sistema capitalista, patriarcal, colonial e heteronormativo para a conformação dos corpos das mulheres.” (ARRUDA, MIKLOS, 2020 p.116).

Já a pressão estética é uma opressão que atinge todos os corpos, pois é baseada em um padrão corporal inalcançável em que são divulgadas as relações imbricadas de saúde, magreza, beleza e sucesso, gerando um mal-estar generalizado, que determina uma alta demanda por produtos cosméticos, academias de ginástica, dietas e cirurgias plásticas. Jimenez (2020) aponta a impossibilidade de encontrar alegria e satisfação

corporal nos tempos atuais, em que as exigências são tantas e que recaem principalmente sobre os corpos das mulheres, que devem acima de tudo serem bonitas, desde a infância, enquanto aos meninos são cobradas qualidades e características como esperteza e curiosidade. Por isso, é importante salientar esse recorte de gênero, mas também atentar para a classe social, afinal de contas, quem pode escolher como se alimentar ou acessar produtos naturais de qualidade e exercícios físicos? As exclusões sofridas a partir da forma corporal transcendem a estética e o amor-próprio e desvelam as desigualdades sociais, determinando quais indivíduos importam e merecem viver com dignidade, quais não.

Segundo o Banco de Alimentos (BANCO DE ALIMENTOS, 2021), mais da metade da população brasileira está em insegurança alimentar neste momento pandêmico, ou seja, não têm acesso continuado a uma variedade de alimentos; e desta população, quase dez por cento está em insegurança alimentar grave, o que significa que estão passando fome. Portanto, consideramos essa situação alarmante, da falta de alimentos para uma grande parte da população, enquanto é disseminada por blogueiras a prática jejum e a restrição alimentar ou enquanto é divulgado com alarde a chamada “Epidemia da Obesidade” pela Organização Mundial da Saúde. A feminista e pesquisadora Virgie Tovar vai dizer que: “Esse estilo de publicidade alarmista sutilmente evoca a ansiedade de que a gordura é transmissível pela proximidade com pessoas gordas. Esse medo ilógico de contágio é parte do motivo pelo qual pessoas gordas são socialmente marginalizadas.” (TOVAR, 2018, p.81).

A pesquisadora Marluza Rosa compreende o corpo como simbólico, além do biológico, que é atravessado por vivências, que vão constituindo discursos, do que se é e o que se pode ser, mas também sobre suas impossibilidades:

Tratar do corpo, nesse sentido, é compreendê-lo discursivamente como submetido ao simbólico e não apenas ao biológico. É o corpo atravessado pela história, pela memória e pela ideologia – corpo como materialidade e como opacidade, lugar político em que os sentidos se refratam e se difundem – que pode se amalgamar à imagem. A espessura do corpo, sua profundidade, e a superfície da imagem, sua volatilidade, fundem-se no processo de instauração do visível que é, também, forma de divisão do dizível, dos sentidos e dos lugares. (ROSA, 2020, p. 30).

Por isso, a intensa divulgação de um corpo extremamente magro, esguio, forte e virtuoso como única perspectiva de um corpo dançante, invisibiliza os corpos dissidentes dessa norma, como os corpos gordos. E assim, em um movimento contrário, quando presente nesses espaços, é percebido imediatamente como espetacular, fantástico, vitorioso e corajoso. O corpo gordo deve se destacar para ser validado enquanto um corpo que dança, deve ser extremamente alongado e realizar movimentos extraordinários, como se fosse um elefante em um circo. Desta maneira, as pessoas gordas são interpeladas a buscar uma compensação por terem supostamente “falhado” por serem quem são, gordas. Acabam por se utilizar do humor, do cuidado com o outro, do esforço excessivo em tudo que fazem, da super disponibilidade de seu tempo, o que sobrecarrega e afasta essas pessoas do cuidado de si.

O que pode uma mulher gorda? Os corpos das mulheres já vêm sendo marcados pelas intensas fiscalizações, como um corpo público, passível de intervenções, inclusive do próprio toque, sem consentimento. Os padrões estipulados para um corpo dito “feminino”, que é circunscrito por nossa sociedade têm modelo a magreza, a leveza, a delicadeza, a brancura e a heteronormatividade. A barriga das mulheres, por exemplo, quando protuberante, grande, volumosa, é validada somente quando essa barriga abriga uma criança. Já fui alvo diversas vezes de pessoas perguntando o mês de nascimento, o sexo biológico do nenê ou até mesmo recebendo de surpresa alguém tocando minha barriga. Mulheres ainda no período do puerpério sofrem com “dicas” e “conselhos” para emagrecer e assim, supostamente, manterem-se casadas.

Entendemos o que dizemos por mulheres, não como uma categoria, partimos da premissa da professora Judith Butler, que vai dizer que o gênero é performativo, ou seja: “O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade”. (BUTLER, 2020, p.235). Assim, as experiências do ser mulher ou mulher gorda ultrapassam os exemplos e histórias narradas aqui, que são trazidas não como forma de esvaziar a complexidade dos atravessamentos e constituições singulares, mas como forma de denunciar algumas opressões.

Marluza Rosa vai questionar as imagens do nosso tempo, *quais são as imagens que criamos?* A pesquisadora problematiza a reprodução de uma inadequação pela hipervisibilidade “de um corpo-imagem errante, tornado ícone e cristalizado no imaginário social por sua hipervulnerabilidade; corpo que homogeneiza, ao mesmo tempo

em que reforça[...]” (ROSA, 2020, p. 41). A autora está interessada no funcionamento da hipervisibilidade que invisibiliza os migrantes. Mas, nos aproximamos desse conceito e entendemos que ele pode contribuir para entender o campo da dança e os corpos padronizados desse âmbito.

As mulheres gordas são dadas pela mídia como algo fixo, com características comuns, sendo a maioria depreciativas e incapacitantes, as quais pertencem a todas as pessoas que dissidem da norma corporal magra, criando uma categoria Gorda (forma corporal), ou até mesmo a categoria patologizante Obesas (doença). E esses corpos são considerados como estando sempre em trânsito, na busca pelo emagrecimento. A forma gorda não é algo que se pode alcançar, e se alcançada, é de suma importância que se supere imediatamente, assim, só é validado um corpo gordo que está se esforçando ou pelo menos almejando a magreza, ao contrário é uma pessoa equivocada, relaxada, que desistiu de si.

Os corpos gordos têm em comum essa divulgação das suas imagens de maneira negativa, e que massivamente são projetadas pela mídia, de que são sedentários, que têm uma relação de compulsão e descontrole com os alimentos (hipercalóricos e industrializados), que são doentes, que buscam emagrecimento e que não podem ser belos e potentes. Dessa forma, é nessa hipervisibilidade negativa, que se invisibiliza outras formas de ser estar desse corpo no mundo.



Figura 2 - Imagens depreciativas que constituem a pessoa gorda. 2021, Renata Teixeira. Fonte: Canva.

Muitas vezes essas imagens do corpo gordo vêm ceifadas de seus rostos, o que abre caminho para que, a forma corporal protagonize a narrativa a ponto de que a humanidade do sujeito em questão não seja considerada e a categoria gordo ganhe força e homogeneidade. Defendemos a noção de que as mulheres gordas são múltiplas, sujeitas



a outras dimensões e subjetividades, com diferentes maneiras de agir e viver, atravessadas por questões para além da sua forma física, havendo diversas vivências gordas.

Já a imagem das bailarinas, dançarinas divulgadas são de corpos magros, alongados, virtuosos, alinhados, capazes, habilidosos, contidos, disciplinados. E desta maneira, desencadeando e dando sequência a uma perpetuação de um padrão corporal bastante específico e limitado.



Figura 3 – Padrão de bailarina, 2021, Renata Teixeira. Fonte: Canva.

A produção de estereótipos na dança se alarga na mesma proporção em que limita a possibilidade da diferença, quando ignora a relação entre os corpos e o tipo de dança que fazem. As imagens estereotipadas fabricam sistemas coesos de referência, já que se sustentam pela ocupação da realidade, da camuflagem dos aspectos das existências como forma de conduzir o fluxo gerativo das imagens do corpo, na tentativa de transformá-lo em um jogo de escolhas: de aprovação e negação. (BITTENCOURT, 2014, p. 60-61).

É nesse jogo de escolhas, indicada pela pesquisadora e professora na área de dança Adriana Bittencourt, que as bailarinas gordas são dadas como fora do eixo profissional ou dos espaços de protagonismo dentro de escolas de dança. A negação desses corpos acaba por exterminá-los desde muito cedo no âmbito da dança, com a prerrogativa de que esses corpos não são saudáveis e podem se lesionar a qualquer momento. Sabemos que os corpos magros ou fora do padrão também sofrem opressões e são prejudicados imensamente nesse contexto estereotipado, mas conforme o tamanho do corpo aumenta, a violência agrava na mesma proporção.

Como quebrar com essa engrenagem? Como inverter essa lógica de hipervisibilidade que invisibiliza e exclui? Quais ações podem colaborar para modificar

esses estereótipos? Como promover espaços seguros e potentes de criação em dança para, com e sobre mulheres gordas que dançam?

Essas são algumas das questões que mobilizam essa pesquisa. É na intenção de celebrar esses corpos gordos dançantes e protagonizar uma dança feita por/para e com mulheres gordas, que têm corpos que dobram, que balançam, que têm curvas e que ocupam espaço na sua imensa presença, que nos encontramos remexendo em memórias (muitas vezes violentas), mas na direção de projetar futuros possíveis.

Sabemos que a memória é uma reinvenção - muito além de uma coleta de fatos, uma trama cheia de falhas do vivido, que completamos com a imaginação. Está no nosso corpo, em nossas sinapses, na circulação de fluxos e no registro corpóreo da experiência. Se somos o que lembramos, e também o que esquecemos, a memória define nossa identidade - não apenas a identidade individual, mas a identidade compartilhada com grupos, comunidades, tribos permanentes ou temporárias. (FAGUNDES, 2012, p.1).

Quando eu era pequena, eu tinha muito orgulho em ser bailarina. O melhor momento da semana era às terças-feiras e às quintas-feiras, quando a professora do jardim B avisava: “meninos, hora de se arrumar para o judô e meninas, hora de colocar a roupa para o balé.” Assim, as meninas iam até o banheiro e colocavam a meia calça, a malha, o saíote, tudo da cor azul claro, e a professora ajudava com os coques, que naquela época eram presos por uma grande rede, que prendia em toda a extensão da cabeça, seguida por uma faixa também azul, que fixava todo o penteado. E ficávamos prontas esperando a professora do balé nos buscar.

A sala do balé era composta por quadros de imagens clássicas, fotos de pianos, sapatilhas e pinturas de bailarinas clássicas dançando. Um enorme espelho ficava em frente a nós e longas barras cercavam o espaço. A rotina da aula era uma mistura de exercícios e brincadeiras teatralizadas em que dramatizávamos histórias, por meio de mímica e gestos dançados. Era uma alegria e satisfação executar os passos propostos e criar as cenas com as colegas. Porém, conforme fui crescendo, a relação do meu corpo com aquela vestimenta justa e reveladora e com minhas parceiras de aula, foi se desenvolvendo de forma apreensiva, angustiante e altamente competitiva.

[...] eu mesma quase não me olho no espelho e agora vai olhar pra fora e ver um monte de gente gorda pelo menos vendo gente magra parece que eu sou magra também se bem que na minha cabeça eu não sou gorda

quer dizer eu sei que sou gorda de tanto os outro me falar mas o jeito que percebo o meu corpo não é como se ele fosse gordo sei lá nem sei explicar mas daí quando vejo uma foto minha ao lado de uma pessoa magra penso caraca como é que pode ser tão gorda desse jeito as perna das outra mina tudo fininha as minha um barril mas eu olhando todo dia pro meu corpo daqui de cima não acho ele muito gordo é uma coisa bem estranha [...] (CARBONIERI, 2020, p. 82).

O excerto acima do texto da escritora Divanize Carbonieri, NOJO (2020), poderia ser facilmente um trecho do meu diário, pois foi na interação do meu corpo com outros corpos, predominantemente magros, convivendo lado a lado e em frente a grandes espelhos e na verbalização de que minha forma corporal era gorda ou “gordinha” (utilizada pelos adultos a fim de minimizar o impacto da palavra gorda), que aprendi a ter vergonha de quem eu era e fui em busca da imagem que esperavam de mim.

Certa vez, perguntei para minha mãe, após um café da tarde com as amigas, em que percebi que uma colega comeu mais que todas e mesmo assim era magra, como que ela conseguia ser assim. Minha mãe respondeu que provavelmente ela tinha “Lombriga”. Então, falei que queria ter uma lombriga também. Toda família riu, e inclusive, essa história foi contada até há pouco acompanhada de muitas risadas. Mas, nesse momento, de colocar as palavras na tela, percebi quanta violência tem por trás dessa conclusão de uma menina gorda de oito anos. Eu só queria ser livre para me alimentar e viver sem culpa com meu corpinho de criança. Ao longo dos anos, foram muitas as frases que pactuaram com essa ideia de que o importante é estar magra, não importa se para isso você deva adoecer, ter um bicho se alimentando dentro de si: “Bailarina da coxa grossa”, “Tá bem magrinha, continua assim”, “O figurino vai ser branco e marca muito mais o corpo, eu já estou de dieta”, “Gorda baleia...” (não concluía a frase, pois levava um chute ou soco), “Tá triste, mas tá magra”, “E essa barriga, hein?”, “Se alguma das gordinhas que tu estuda no doutorado quiser emagrecer, passa pra mim” (essa foi a última ouvida, em meio a uma confraternização, após uma educadora física perguntar sobre meu tema de pesquisa).

Conforme a pesquisa vai avançando e a interação com outras pesquisadoras e pesquisadores da temática dança e corpo gordo ou mesmo com pessoas interessadas e curiosas no assunto, é possível perceber uma vasta quantidade de relatos de pessoas que desistiram de dançar por causa de sua forma corporal e que sentem os efeitos até a fase adulta sobre esse afastamento, como nostalgia, baixa autoestima, insegurança e desconforto em se movimentar. O que ganha a dança e os e as profissionais, que dela tem

o seu ofício, com esse território marcado pela gordofobia, que padroniza os corpos e exclui a diversidade de corpos e identidades?

Interessa-nos uma dança distante dessa experienciada na infância, relatadas aqui, buscamos compreender e garantir os corpos das meninas e mulheres gordas que dançam nesse âmbito, apostando em uma Dança Engordurada, a fim de acessar, sacudir e esgaçar as estruturas gordofóbicas e opressoras que padronizam os corpos nesses espaços. Colocar em risco palavras que demarcam a gordura como algo incapacitante, trazendo outros significados e abalando os existentes e comuns, desta maneira nos aliando a um movimento que vem sendo traçado por outras pesquisadoras. Pensar nos afetos imensos, em histórias e trajetórias pesadas, nos contextos de gorduras localizadas, nos remelexos amanteigados, em uma Gordança.

Acreditamos que essa transformação pode acontecer através de micro movimentos, adentrando as frestas desse sistema opressor, na criação de espaços seguros de ensino e composição em dança e na disseminação de bailarinas gordas atuantes no Brasil. O encontro entre as pares possibilita o fortalecimento e impulsionamento para novas realidades e o direito de se reestabelecer o acesso ao movimento corporal e de se expressarem no mundo de forma artística. Neste aspecto, destacamos o Grupo de Estudo sobre Corporalidades Gordas, Afetos e Resistência, *Ciclo Mexerica*, que através de reuniões periódicas *on-line*, debate assuntos que atravessam e fazem parte dessas vivências e que têm colaborado muito o desenvolvimento dessa pesquisa Gordança. Após o grupo discutir minuciosamente o livro *Lute como uma Gorda* (JIMENEZ, 2020), estabeleceu-se temáticas como representatividade, desembocando na teoria das representações sociais e outros conceitos.

É nesse lugar entre as memórias individuais e coletivas, atravessamentos e um corpo que dança, que vamos desencadeando o texto, pois conforme a pesquisadora em dança Silvia Fernandes: “[...]a dança vem se afirmando como espaço intervalar e dinâmico *entre* experiências e representações, multiplicando-se em seus mais diversos modos de operar, intrinsecamente contraditório e, por isso mesmo, criativo [...]” (FERNANDES, 2013, p.19).

E enquanto escrevo no vai-e-vem dessa dança das histórias, no sobe e desce das emoções e sentimentos, o corpo vai encontrando estados e pensamentos de como recuperar e rearranjar uma conexão integral e afetiva. Em frente ao computador, a barriga sentada na cadeira faz três dobras, uma curva para cada lado, a bunda, côncava, mole,

esparramada, ocupa e transborda o acento. Ainda faz menção de controlar a forma que invade o espaço. Respira fundo. Expande, contrai, expaaaaaaande, deixa ir, quase que sem domínio. Passo a passo, no exercício diário de reconquistar o corpo que é meu.

Vale lembrar que o tempo da redescoberta é lento e muitas vezes se dá em um passo à frente e dois atrás e em outras, em passos deslocando pra frente, num movimento de “varrer o salão”. Pode se dar na operação de contradições entre o que se diz e pensa e na forma como age, e deste jeito se avança, e está tudo bem. Um dia de cada vez, escolhendo quais batalhas lutar, afinal, o que não faltam são batalhas. Às vezes espiando as frestas, outras penetrando nelas, até que se mete o pé e esgaça-se tudo ou quem sabe vira-se as costas e inaugura-se outro espaço, diverso, amplo, democrático, sem fitas métricas ou balanças.

## **CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É no desejo de reconstruir as narrativas entre a dança e os corpos das mulheres que dançam, que percorremos conceitos e noções que atravessam a vivência de bailarinas e especificamente das bailarinas gordas. A importância do movimento de entender o passado e essa herança cultural gordofóbica que abarca uma sociedade, e a dança que não está descolada desse contexto, mas pelo contrário, intensifica essas relações de preconceito, estigmatização, marginalização e padronizações dos corpos.

A intenção de identificar, apontar e refletir sobre as violências, não surge como meio de reviver ou reatualizar as opressões, mas sim como forma de descortinar normatizações, naturalizações e patologizações que transitam abertamente no meio. O objetivo é de sensibilizar com as histórias e dizer: “sim, acontece, e muito.”, mas também de denunciar que isso está errado e que temos que mudar urgentemente, pois a falta de acessos e direitos desumaniza e mata pessoas, apenas por sua forma corporal, ou sua cor, identidade de gênero, orientação sexual ou sua classe social.

Assim, a partir da ação de expor as feridas e aos poucos encontrar meios de mudança e novos cenários, que surgirá a possibilidade de celebrar essas danças, esses corpos, recriando futuros e imaginários outros. Para isso, julgamos necessário e de muita valia a colaboração e encontro com as pares, na intersecção de pesquisadoras que têm como temática o corpo gordo e vêm criando uma epistemologia própria, desenvolvida

por, com e para pessoas gordas. A luta fica mais suave na troca compartilhada e na colaboração para vislumbrar outras perspectivas.

Uma das principais pautas reivindicada pelo ativismo gordo é justamente a despatologização do corpo gordo, pois enquanto o saber biométrico determinar através de apenas uma conta, pelo Índice de Massa Corpórea (IMC) que o corpo gordo é doente, as experiências desses corpos serão limitadas. A possibilidade de saúde, assim como de doença para todos os corpos é fundamental para trilharmos novos caminhos mais acessíveis e diversificados na área da dança. O movimento dançado como forma de lutar e transcender as fronteiras estabelecidas para as pessoas gordas. O corpo gordo é capaz, mas precisa que o preconceito seja extinguido e desta maneira, possa acessar os espaços sem restrições. Não há amor próprio que resista a tanta violência disseminada em forma de “ajuda” e de “preocupação” para com a saúde.

Ser gorda é uma característica, tal como ser magra, ou alta e baixa e não pode determinar as vivências e capacidades de uma pessoa no mundo. As práticas de movimento e dança têm que se repensar, revisar, modificar e se afastar de uma ideia de padrão corporal. A dança é mais do que pernas alongadas, infinitos giros e linhas corporais. A qualidade técnica e estética ultrapassa e se configura em outros parâmetros e pode acontecer através de grandes corpos e pequenas e modestas danças, o movimento para além da virtuosidade e do exotismo corporal.

Sair da invisibilidade do corpo gordo dançante sem cair na hipervisibilidade homogeneizante é o exercício mais esperado para o verão 2022.

## CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

ARRUDA, Agnes, MIKLOS, Jorge. O peso e a mídia: estereótipos da gordofobia. **Revista Líbero**, São Paulo, n.46, jul./dez. 2020, p. 111-126.

BITTENCOURT, A. Imagens da mídia, imagens do corpo, imagens da dança: tensões na pluralidade da cena contemporânea. **Dança**, Salvador, v.3, n. 2, p.59-68, jul./dez. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FAGUNDES, S. Patricia. A reinvenção da memória na cena: uma máquina relacional.  
*In: VII Congresso da ABRACE*, 2012, Porto Alegre.

FERNANDES, Ciane. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. **Dança**, Salvador, v.2, n. 2, jul./dez. 2013, p.18-36.

HAAS, Aline Nogueira; GARCIA, Anelise Cristina Dias; BERTOLETTI, Juliana. Imagem Corporal e Bailarinas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 3, mai./jun. 2010, p.182-185.

JIMENEZ, Malu. **Lute como uma Gorda**. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2020.  
MEXERICA, Ciclo. Disponível em: <https://www.instagram.com/ciclomexerica/>.  
Acesso em: 06 de dez. de 2021.

ROSA, Marluza. A hipervisibilidade do corpo-imagem migrante: uma estética do nomadismo na invisibilidade social . **RALED**, vol 20 (1) Mar 2020 p. 25-43.

TOVAR, V. **Meu corpo, minhas medidas**. Tradução: Mabi Cosa. São Paulo: Primavera Editorial, 2018.

116,8 milhões de brasileiros não têm acesso pleno e permanente a alimentos e 19 milhões passam fome. **Banco de alimentos**, 2021. Disponível em: <https://bancodealimentos.org.br/1168-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-pleno-e-permanente-a-alimentos-e-19-milhoes-passam-fome/>. Acesso em: 02 de dez. de 2021.